

# O uso de vírgulas: evidências da heterogeneidade da escrita

(The use of commas: evidences of writing heterogeneity)

Ana Carolina Araújo-Chiuchi<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

carol\_araujo6@hotmail.com

**Abstract:** In this article, we analyze comma usage, i.e the oscillation between conventional and non-conventional uses of this punctuation mark in a *corpus* that consists of 152 texts. The texts were written by students of the fifth grade in a public school in the countryside of São Paulo State. We hold that the motivations for non-conventional usage, identified as the absence/presence of comma confirm what Corrêa (2004) calls heterogeneous way of writing. Thus, by analysing comma usage, we investigate the possible relations between, oral and written statements. In general, the results showed that due to this relation we can find (i) excessive punctuation marks (non-conventional usage characterized by the presence of comma); and (ii) lack of punctuation marks (non-conventional usage by the absence of comma).

**Keywords:** punctuation; writing acquisition; orality; literacy; elementary school.

**Resumo:** Neste artigo, temos o objetivo de analisar a flutuação do emprego da vírgula, ou seja, a oscilação entre usos convencionais e não-convencionais desse sinal em um *corpus* constituído de 152 textos produzidos por alunos de quinta série (sexto ano, na atual nomenclatura)<sup>1</sup> do Ensino Fundamental de uma escola estadual do interior paulista. Argumentamos que as motivações dos empregos não-convencionais identificados quanto à ausência/presença da vírgula evidenciam o que Corrêa (2004) chamou de modo heterogêneo de constituição da escrita. Desse modo, por meio do uso de vírgulas, investigamos as possíveis relações, feitas pelos escreventes, entre enunciados orais/falados e enunciados letrados/escritos. De um modo geral, os resultados mostram que essa relação tanto causa o excesso (emprego não-convencional pela presença de vírgula) quanto a falta (emprego não-convencional pela ausência de vírgula) dos sinais de pontuação.

**Palavras-chave:** pontuação; aquisição da escrita; oralidade; letramento; ensino fundamental.

## Introdução

No que diz respeito ao estudo do emprego da pontuação por alunos em processo de aquisição da escrita, podemos afirmar que são, relativamente, poucos os trabalhos, como o de Chacon (1998), que, a partir de uma perspectiva linguística, tomam os usos não-convencionais como evidências de uma reflexão, por parte do escrevente, acerca das características dos enunciados orais/falados e letrados/escritos.

Se considerarmos a história da pontuação, encontraremos algum subsídio que poderá contribuir para entendermos melhor a grande flutuação, entre os chamados “acertos” e “erros”, nos usos da vírgula em textos produzidos em ambiente escolar. De acordo com Rocha (1997), os sinais de pontuação surgiram juntamente com os textos sagrados, os quais eram escritos para serem recitados oralmente e, para isso, necessitavam de “indicadores para respirar”. Com efeito, ainda hoje, nos materiais didáticos, a pontuação

<sup>1</sup> Com a Lei nº 11.274, instituiu-se o Ensino Fundamental de nove anos a partir de 2009 e a ‘quinta série’ passou a ser nomeada como ‘sexto ano’. Mantivemos, neste projeto, a nomeação do ano letivo como ‘quinta série’ por ser essa a forma utilizada na época da coleta, em 2008.

é predominantemente ligada à fala, mais frequentemente à pausa e à entoação, noção essa que acarreta, em nossa hipótese, muitos dos empregos de vírgulas que são classificados como “erros de pontuação”, quando tomadas por base as regras gramaticais. Trata-se de uma visão da pontuação como sinais gráficos relacionados unicamente à representação de aspectos da oralidade, o que, em certa medida, revela uma visão de escrita como representação unívoca e acabada da fala.

No que diz respeito às gramáticas, que são frequentemente tomadas por base para analisar os empregos da vírgula, observa-se pouco consenso sobre o conjunto de normas desse emprego, havendo uma gama ampla de possibilidades de usos e escolhas a depender da gramática que se toma por referência (SONCIN, 2009). Tem-se, assim, o fato de que o escrevente enfrenta, também, grande variação de orientações e prescrições que dizem respeito à escolha entre vírgula < , > e outro sinal de pontuação – como o ponto e vírgula < ; >. Essa complexidade que envolve as regras de emprego da vírgula contribui, em nossa hipótese, para a ocorrência do que pode ser classificado como “erro” nos usos de vírgula nos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, constituindo-se como um desafio tanto para quem está aprendendo a pontuar um texto quanto para quem investiga os possíveis motivos dos usos não-convencionais dos sinais de pontuação.

Considerando, portanto, que a pontuação constitui-se um lugar ainda pouco investigado do ponto de vista linguístico, embora se mostre um campo extremamente rico e desafiador por sua natureza complexa que compreende várias dimensões da linguagem, como as prosódica, sintática, textual e discursiva (CHACON, 1998), este trabalho assume uma perspectiva linguística e toma, como objeto de estudo, os usos de vírgula observados em textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental em uma escola pública paulista.

### **Pressupostos teóricos**

A descrição e análise dos usos da vírgula observados em textos escritos por alunos de quinta série do Ensino Fundamental fundamentam-se, neste trabalho, no modo heterogêneo de concepção da escrita, postulado por Corrêa (2004). Juntamente com o autor, assumimos o falado e o escrito como práticas sociais vinculadas ao letramento e à oralidade. Segundo essa tese, existe um trânsito entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito e, por meio da apreensão desse trânsito, é possível identificar vestígios da fala na escrita e vice-versa. Desse modo, por meio do uso de vírgulas em textos de alunos de quinta série, investigamos as possíveis relações, feitas pelos escreventes, entre enunciados orais/falados e enunciados letrados/escritos.

A respeito da concepção de pontuação adotada nesta pesquisa, ancoramo-nos no trabalho de Chacon (1998), o qual, a partir de uma perspectiva linguística, toma o uso do sinal de pontuação como evidência de uma reflexão, por parte do escrevente, acerca das características dos enunciados orais/falados e letrados/escritos. Com efeito, em seu trabalho, Chacon conclui que à pontuação estão vinculadas diferentes e complexas dimensões da linguagem; além disso, defende que a escrita tem um ritmo próprio, definido pela organização das dimensões linguísticas, a qual pode ser assinalada graficamente por meio dos sinais de pontuação.

Para verificar em que medida se dá a relação entre enunciados orais/falados e letrados/escritos, no que diz respeito à organização prosódica da linguagem, tomamos

como referência as descrições prosódicas do Português Brasileiro (PB) feitas por Tenani (2002) e Fernandes (2007), as quais têm a mesma base teórica para a análise da prosódia do português: o modelo de Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986). Tal modelo postula que os constituintes prosódicos são organizados de forma hierárquica, contrapondo-se, dessa forma, à visão dos estudos gerativos clássicos, segundo os quais a organização dos segmentos obedece a uma organização linear. Esse modelo hierárquico propõe 7 (sete) domínios, a saber (do menor para o maior): sílaba ( $\sigma$ ), pé ( $\Sigma$ ), palavra fonológica ( $\omega$ ), grupo clítico (GC), frase fonológica ( $\phi$ ), frase entonacional (I) e enunciado fonológico (U). Nesta pesquisa, interessam-nos, mais particularmente, os três últimos domínios, aqueles que estão no nível oracional, visto que a vírgula ocorre entre orações e no interior de orações. Com base em Nespor e Vogel (1986), assumimos que a  $\phi$  é definida pela união de dois ou mais grupos clíticos e se aplica no domínio do sintagma, ou seja, engloba o núcleo sintagmático e o que a ele está ligado; a I é definida pela união de duas ou mais  $\phi$ s e se aplica no nível da sentença, além disso, o contorno entoacional é de fundamental importância, uma vez que a sua variação altera os limites da I; por fim, o U é definido pela união de duas ou mais Is e se aplica no nível da sentença ou do período; nesse sentido, toda sentença pode ser considerada como um único U.

## Material e método

O *corpus* de nossa pesquisa é composto por produções escritas pertencentes ao projeto de extensão *Desenvolvimento de oficinas de leitura, interpretação e produção de texto no Ensino Fundamental*, coordenado pelas Profas. Dras. Luciani Tenani e Sanderléia Longhin-Thomazi. Por meio desse projeto, realiza-se a coleta de textos escritos por alunos da Escola Estadual Prof<sup>a</sup> Zulmira da Silva Salles, também localizada na cidade de São José do Rio Preto (SP).

Para a análise, selecionamos 152 textos obtidos a partir de duas propostas de redação, de um mesmo gênero e mesmo tipo textual (de acordo com a Proposta Curricular do Estado), de alunos de três turmas de quinta série do Ensino Fundamental: um coletado no início e outro no final do ano letivo de 2008. Pretende-se, assim, capturar dois momentos do processo de escolarização percorrido pelos alunos nessa série/ano, de maneira que possamos fazer uma comparação entre essas duas produções no que diz respeito ao emprego da vírgula.

Nosso ponto de partida foi sistematizar por tipos as estruturas sintáticas das ocorrências de vírgulas, a fim de estabelecer macro-categorias que nos permitissem analisar os tipos de relações intra e interfrásticas (KOCH, 1996) que poderiam ser identificadas como lugares em que ocorrem os empregos não-convencionais – e, por conseguinte, relacioná-los aos empregos convencionais. Foram estabelecidas três macro-categorias para agrupar as estruturas sintáticas identificadas: na primeira, a presença/ausência de vírgula em que se estabelece relação entre constituintes dentro da oração/sentença; na segunda, a presença/ausência de vírgula em que se estabelece relação entre orações; e, na terceira, a presença/ausência de vírgula relacionada com a ordem sintática da sentença. Essas relações intra e interfrásticas são de natureza sintática e semântica e foram definidas a partir das regras de emprego de vírgula prescritas por Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (1986).

A escolha das gramáticas de Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (1986) baseia-se no trabalho de Soncin (2009), que, ao fazer uma leitura crítica de três gramáticas e de um manual para o emprego de vírgula – a saber: Cunha e Cintra (2001), Rocha Lima (1986), Bechara (1999), Luft (1998) – aponta que os autores dessas duas gramáticas adotam perspectivas semelhantes a respeito da pontuação e da vírgula em particular, privilegiando a dimensão fonológica da linguagem a partir da visão de que “a língua escrita, por não dispor dos mesmos recursos rítmicos e melódicos que a língua falada, serve-se da pontuação com a tentativa de reconstituir o movimento da elocução oral”.

Em seu trabalho, Soncin (2009) aponta uma possível motivação para essa flutuação das normas:

Torna-se compreensível essa flutuação das normas se considerarmos que os autores partem de perspectivas diferentes para definir as funções dos sinais de pontuação e relacionando-as a alguns aspectos da linguagem, mas de modo homogêneo entre os sinais de pontuação. Também há uma variação na maneira com que cada autor concebe – de forma mais ou menos explícita – a relação oral/escrito. (p. 42)

A divergência presente entre as normas para o emprego de vírgula acarreta uma variação quantitativa no que diz respeito ao levantamento de dados. A depender do autor que se toma como base para classificar as ocorrências de vírgula, pode-se chegar a um número final distinto tanto de ocorrências levantadas quanto de tipos de ocorrências (que podem ser classificadas como “acertos” ou “erros” pela presença de vírgula). Tal dificuldade de classificação pode ser verificada por meio do exemplo dado a seguir:

(1) Eu gostei, e assim que foi minha viagem para Disneylândia. (5a\_30\_6)

Nesse dado, a vírgula antes do *e* é classificada de diferentes maneiras, a depender do autor que se leva em consideração. Luft (1998) considera como “erro” o emprego dessa vírgula, pois, segundo ele, apenas se coloca vírgula antes de *e* se tal conjunção for precedida ou por uma coordenação longa ou por alguma estrutura encaixada. Já, para Bechara (1999), o emprego é visto como “acerto”, se for considerado que a oração introduzida pela conjunção *e* for proferida com pausa. Para Rocha Lima (1986) e para Cunha e Cintra (2001), a vírgula é considerada um “acerto”, mas os autores se baseiam em razão distinta: a vírgula separa orações coordenadas aditivas de sujeitos diferentes.

Portanto, tomando como base as normas para o emprego de vírgula prescritas por Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (1986) e seguindo a tipologia estabelecida para a identificação das estruturas sintáticas onde são empregadas vírgulas convencionais e não-convencionais – quer pela presença, quer pela ausência da vírgula –, formulamos hipóteses explicativas para as possíveis motivações de tais tipos de empregos.

## **O uso de vírgulas: descrição e análise dos resultados**

Nos 152 textos analisados, chegamos a um total de 1.797 ocorrências convencionais e não-convencionais pela ausência/presença de vírgula. Essas 1.797 ocorrências pela ausência/presença de vírgulas foram classificadas em: 666 empregos convencionais pela presença de vírgula (37%), 97 empregos não-convencionais pela presença de vírgula (5,3%) e 1.034 empregos não-convencionais pela ausência de vírgula (57,5%). A seguir,

apresentaremos uma tabela geral na qual detalhamos os resultados para os empregos não-convencionais pela ausência/presença de vírgulas, relacionando-os ao total geral de ocorrências (convencionais e não-convencionais) a partir das três categorias de análise.

**Tabela 1. Ocorrências não-convencionais pela ausência/presença de vírgulas em relação ao total de ocorrências**

<b>Tipo de relação entre constituintes sintáticos</b>	<b>Ausência</b>	<b>Presença</b>	<b>[,] não-convencionais/ Total de ocorrências</b>
Entre constituintes dentro da oração/sentença	1/1797 (0,05 %)	46/1797 (2,5 %)	47/1797 (2,6 %)
Entre orações	539/1797 (29,9 %)	45/1797 (2,5 %)	584/1797 (32,4 %)
Ordem sintática da sentença	494/1797 (27,4 %)	6/1797 (0,3 %)	500/1797 (27,8 %)
Totais: [,] não-convencionais/Ocorrências	1034/1797 (57,5 %)	97/1797 (5,3 %)	1131/1797 (62,9 %)

Nas subseções seguintes, analisaremos as ocorrências não-convencionais pela ausência e pela presença de vírgulas separadamente.

### **Ocorrências não-convencionais pela ausência de vírgulas**

Com relação ao emprego não-convencional pela **ausência** de vírgula, o tipo de ocorrência mais frequente em nosso levantamento diz respeito aos casos em que se dão relações entre orações (52,1% em relação ao total de ocorrências não-convencionais pela ausência e 29,9% em relação ao total geral de ocorrências). Entretanto, também é muito frequente o emprego não-convencional pela ausência de vírgula relacionado à ordem sintática (47,7% em relação ao total de ocorrências não-convencionais pela ausência e 27,4% em relação ao total geral de ocorrências) e, a depender da proposta analisada, determinado tipo de ocorrência se sobressai sobre o outro. Tal fato pode ser verificado por meio da tabela a seguir, na qual distribuimos os dados de acordo com sua ocorrência nas duas propostas de textos analisadas, ou seja, separamos as ocorrências encontradas na proposta 1 (primeira coleta, P1) das ocorrências encontradas na proposta 6 (última coleta, P6):

**Tabela 2. Ocorrências não-convencionais pela ausência de vírgulas em relação ao total de ocorrências nos textos da P1 e da P6**

<b>Tipo de relação entre constituintes sintáticos</b>	<b>P1</b>	<b>P6</b>
Entre constituintes dentro da oração/sentença	00	1/948 (0,1 %)
Entre orações	216/849 (25,4 %)	323/948 (34,0 %)
Ordem sintática da sentença	268/849 (31,5 %)	226/948 (23,8 %)
Totais: [,] não-convencionais/Ocorrências	484/849 (57,0 %)	550/948 (58,0 %)

De fato, se analisarmos a tabela acima, veremos que na P1 o maior número de ocorrências pela ausência de vírgula se relaciona com a ordem sintática da sentença (55,3% em relação ao total de ocorrências pela ausência de vírgula), já na P6, com relações entre orações (58,7% em relação ao total de ocorrências pela ausência de vírgula). Podemos entender tal distinção se observarmos as diferenças entre as duas propostas: na P1, os alunos tinham uma tirinha a partir da qual deveriam escrever um texto que desse continuidade à história, contando o que aconteceu com cada uma das personagens após a cena do último quadrinho; na P6, deveriam imaginar que tivessem ganhado uma viagem à Disneylândia, nos EUA, e contar como esperavam que fosse a viagem. Com efeito, essa diferença entre as propostas acarretou uma maior recorrência de alguns tipos de estruturas sintáticas e prosódicas distintas para cada conjunto de textos. Na P6, por exemplo, em que os alunos deveriam descrever a viagem, observamos um grande número de estruturas coordenadas, as quais, muitas vezes não eram separadas por vírgulas, justificando o alto número de ocorrências não-convencionais pela ausência de vírgula entre orações. Tal fato pode ser exemplificado, a seguir, com um período no qual o aluno coordena quatro orações e não as separa por meio da vírgula:

(2) [Fomos nos brinquedos]I [foi super legal]I [dormimos durante a semana]I [aproveitamos tudo de direito.]I (5b\_23\_6)

Em (2), verifica-se que a ausência de vírgula se dá em fronteira de *I* e que não há alteração de tópico, ou seja, as informações dadas nas orações justapostas estão relacionadas a um mesmo tópico, no caso, à descrição dos fatos ocorridos na viagem à Disneylândia. Em nossa hipótese, essa relação semântica entre as orações justapostas foi mais percebida pelo escrevente, no momento de sua produção textual, do que a relação que tais estruturas estabelecem com a organização prosódica da língua, mais especificamente com as fronteiras de *I*, motivando a não-separação das orações por meio da vírgula.

Com efeito, a predominância de determinados tipos de ocorrências, a depender da proposta de redação considerada, aponta para o **gênero**, que, visto a partir de uma perspectiva discursiva (BAKHTIN, 2003), é um fator decisivo para a utilização de certas estruturas que favorecem/desfavorecem o uso da vírgula. Diferentes gêneros textuais, por terem características que lhes são próprias, têm um papel importante quanto à imagem que o escrevente faz de seu texto e, portanto, contribuem com o modo a partir do qual o escrevente organizará o seu texto, de forma especial, por meio do emprego de vírgulas.

### **Ocorrências não-convencionais pela presença de vírgulas**

Quanto às ocorrências não-convencionais pela **presença** de vírgula, observamos que o maior número de ocorrências diz respeito a casos de empregos não-convencionais entre constituintes dentro da sentença (47,4% em relação ao total de ocorrências não-convencionais pela presença de vírgula) e entre orações (46,3% em relação ao total de ocorrências não-convencionais pela presença de vírgula), havendo uma pequena diferença entre o número de ocorrências em cada uma dessas duas macrocategorias. Analisando a Tabela 3, que discrimina a quantidade de ocorrências por turmas, constata-se que há uma tendência para que esse tipo de emprego não-convencional ocorra entre constituintes dentro da oração, já que essa macrocategoria contém o maior número de empregos não-convencionais pela presença de vírgula nos textos da 5ªA e da 5ªC, sendo distinto somente do que ocorre na 5ªB, em que a maioria desses empregos não-convencionais ocorre entre orações.

**Tabela 3. Ocorrências não-convencionais pela presença de vírgulas em relação ao total de ocorrências: textos das 5<sup>as</sup> A, B e C**

<b>Tipo de relação entre constituintes sintáticos</b>	<b>5A</b>	<b>5B</b>	<b>5C</b>	<b>Total de ocorrências de presença de [,]</b>
Entre constituintes dentro da oração/sentença	15/625 (2,4%)	07/552 (1,2 %)	24/620 (3,8 %)	46/1.797 (2,5 %)
Entre orações	11/625 (1,7 %)	17/552 (3,0 %)	17/620 (2,7 %)	45/1.797 (2,5 %)
Ordem sintática da sentença	03/625 (0,4 %)	03/552 (0,5 %)	00	6/1.797 (0,3 %)
Totais: [,] não-convencionais/Ocorrências	29/625 (4,6 %)	27/552 (4,8 %)	41/620 (6,6 %)	97/1.797 (5,3 %)

De fato, pudemos verificar que esse tipo de emprego não-convencional é ocasionado por uma tentativa do escrevente de demarcar fronteiras de domínios prosódicos, sendo, em nossos dados, predominante a presença de vírgula onde é possível detectar uma fronteira de frase entoacional (*I*), como podemos observar no exemplo abaixo:

- (3) [Anita,]I [acabou se arrependendo de fugir]I e depois de ir para a enfermaria da vila foi para a casa com raiva... (5a\_26\_1)

Em (3), exemplifica-se um erro de emprego da vírgula entre o sujeito e o predicado, emprego esse que pode ser motivado por uma estrutura muito frequente na modalidade falada: o tópico/comentário. Nos enunciados falados, os contornos entoacionais delimitam o tópico e o comentário, havendo uma fronteira prosódica entre esses dois constituintes. Nossa hipótese é a de que a vírgula estaria representando a fronteira entre dois grupos tonais, nos termos de Cagliari (2007),<sup>2</sup> ou a fronteira entre frases entoacionais, nos termos de Tenani (2002).<sup>3</sup>

### **Emprego não-convencional de vírgula entre orações**

Partindo para uma análise mais detalhada de cada macrocategoria em particular, no que diz respeito aos empregos não-convencionais de vírgula entre orações, observamos que a grande maioria desses empregos ocorre pela ausência de vírgula entre orações coordenadas (71,2%). Verificamos que tais tipos de usos da vírgula ocorrem em todas as turmas independentemente da proposta. Em segundo lugar, temos as orações subordinadas adverbiais (13,5%), cujo número de ocorrências flutua a depender da proposta e da turma considerada. A seguir, apresentaremos um exemplo de emprego não-convencional motivado pela ausência de vírgula para isolar a oração subordinada adjetiva explicativa (em destaque), a qual não vem separada por vírgulas, conforme previsto pelas normas gramaticais.

<sup>2</sup> De acordo com Cagliari (2007), um grupo tonal é uma unidade rítmica que excede o pé e que se delimita por um padrão entonacional chamado *tom*. Nesse estudo, o autor também afirma que a tonicidade relaciona-se com a estrutura argumentativa de pressuposição na organização do discurso, assim a escolha da sílaba tônica saliente num enunciado possui relação com a distribuição das informações tidas como “dadas” (que já são de conhecimento do ouvinte) e das informações “novas”.

<sup>3</sup> Tenani (2002) faz uma análise prosódica do português brasileiro fundamentada no modelo da Fonologia Prosódica, por meio da qual define os constituintes prosódicos a partir de informação sintático-semântica.

- (4) Seu pai que já estava cansado de correr atrás da filha deixou ela correr atrás de seu amor (5a\_04\_1)

Nessa ocorrência, embora as ocorrências não-convencionais pela ausência de vírgula possam coincidir com fronteiras de *Is*, acreditamos que o escrevente não considera a organização prosódica como relevante para a colocação de vírgula em nenhuma das posições exigidas pela Gramática Normativa.

### **Emprego não-convencional de vírgula relacionado à ordem sintática da sentença**

A respeito das ocorrências não-convencionais de vírgula relacionadas à ordem sintática da sentença, notamos uma maior quantidade de ocorrências não-convencionais pela ausência de vírgula para isolar adverbiais (51%), independentemente da turma e da proposta analisadas. Trata-se de casos como em (5), no qual o aluno antecipa o adjunto adverbial, mas não utiliza a vírgula para isolá-lo, conforme previsto pelas normas gramaticais.

- (5) No meu primeiro dia de minha viagem eu fui para o parque de Disneylandia [...] (5b\_24\_6)

No exemplo acima, observamos a ausência de vírgula para isolar o adjunto adverbial antecipado “no meu primeiro dia de minha viagem”. Uma possível hipótese do sujeito para a não-colocação da vírgula nessa posição estaria ligada ao fato de que o adjunto adverbial está em posição inicial da oração e, por esse motivo, já se encontra em posição privilegiada na oração. Portanto, a vírgula entendida em termos de recurso linguístico para evidenciar porções do enunciado, nessa posição na sentença, não se faz necessária.

### **Emprego não-convencional de vírgula entre constituintes dentro da oração**

A respeito dos empregos não-convencionais de vírgula entre constituintes dentro da oração, há uma predominância de empregos não-convencionais pela presença de vírgula independentemente da turma e da proposta (97,8%). Além disso, dentre as estruturas encontradas, há mais presença de vírgulas entre verbo e complemento (41,3%). A seguir, apresentamos um exemplo de ocorrência não-convencional de vírgula entre constituintes dentro da oração/sentença:

- (6) [“eu ia achar ótimo,]I [andar de avião lá nas alturas,,”]I (5a\_28\_6)

Nesse caso, a presença não-convencional de vírgula ocorre entre a oração principal e a oração subordinada substantiva. No projeto de texto elaborado pelo aluno, ele relata como seria ganhar uma viagem para a Disney, de maneira que, na continuação do exemplo em questão, é feita uma enumeração de coisas que ele gostaria de fazer. Assim, relacionando esse enunciado escrito com sua possível realização na forma de um enunciado falado, percebemos que a vírgula coincide com a pausa prosódica que delimita as fronteiras dos *Is* enumerados.

### **Considerações finais**

Em nossos dados, constatamos que os casos de empregos não-convencionais pela ausência de vírgulas são muito mais numerosos do que os casos de presença de vírgulas. Nossa hipótese é a de que os empregos não-convencionais pela ausência, em grande parte, estão relacionados a informações letradas, ou seja, se tratam de informações sobre as regras



de emprego de vírgula que o escrevente desconhece. Além disso, o fato de o número de ocorrências não-convencionais pela presença ser muito menor que o de ocorrências pela ausência baliza a interpretação de que os alunos sujeitos de nossa pesquisa já não utilizam a pontuação necessariamente como um meio de atribuir características da fala à escrita.

A análise das ocorrências acima identificadas permite observar que há características comuns às propostas coletadas no início e no final do ano letivo, isto é, P1 e P6. De modo geral, predomina o emprego de vírgulas em posições que poderiam ser identificadas como fronteiras de frases entoacionais (*I*), uma vez que pausas e/ou contornos entoacionais poderiam ser atribuídos aos enunciados analisados. O aluno, portanto, parece mostrar-se sensível a limites de constituintes prosódicos da língua, marcando-os por meio da pontuação.

Os usos de vírgula identificados corroboram a nossa hipótese de que parte das motivações das ocorrências não-convencionais pela presença da vírgula possa estar estreitamente ligada às características prosódicas dos enunciados falados. Evidencia-se, assim, uma perspectiva de análise dos dados de escrita segundo a qual os enunciados escritos são constituídos, em alguma medida, por características predominantemente encontradas em enunciados falados.

Afirmamos, juntamente com Corrêa (2004, p. 116), que a prosódia “é recuperável em diferentes pistas linguísticas que os escreventes deixam em seus enunciados escritos. Portanto, embora não seja passível de uma representação segmental, é, pela articulação com outras dimensões da linguagem, recuperável nos enunciados escritos”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 277-326.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2007. v. 1. 194 p.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, C. F da; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- LUFT, C. P. *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. São Paulo: Ática, 1998.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

ROCHA, I. L. V. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *DELTA*, São Paulo, v. 13, p. 83-118, 1997.

ROCHA LIMA, L. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SONCIN, G. C. N. *Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do Ensino Fundamental*. 2009. 73 f. Relatório parcial de Iniciação Científica. (Graduação em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

TENANI, L. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.